

DISCURSO PROFERIDO NA SESSAO SOLENE DO 25 DE ABRIL

Sou filho de um Portugal livre e democrático. De um Portugal sem colónias, sem guerras, sem censura.

Sou filho da escola pública, sou filho do serviço nacional de saúde, sou filho do sonho que comanda a vida.

A 25 de Abril de 1974 um punhado de jovens militares reescreveu a história de um País.

Milhares de mortes assombravam as famílias dos militares que partiam. Muitos dos que aqui estão presentes terão sido combatentes desta Guerra; outros tantos terão tido seus familiares que tombaram em África naquilo a que se designava províncias ultramarinas, e que na verdade não passava de uma verdadeira guerra colonial.

Fartos da opressão, do sangue derramado por tantos, de uma guerra sem razão, um grupo de militares decidiu dizer Basta. Estes foram os rostos iniciais de uma Revolução e os porta-vozes de toda uma sociedade farta e cansada de um regime opressor, totalitarista, fascista.

25 de Abril de 1974 será para sempre aquele dia inicial inteiro e limpo.

Cumpre-nos agora manter este dia perpetuado, não apenas na evocação desta data, mas todos os dias do ano.

Em primeira linha, nós os políticos. Aqueles que têm pela vontade popular, o poder de gerir os destinos da coisa comum.

Não há maior legado que o 25 de abril nos possa ter deixado do que o Poder Local Democrático.

A existência de homens e mulheres que, mandatados pelo seu povo, de forma direta, desenvolvem as melhores políticas em defesa do seu território, das suas gentes; em prol de uma sociedade mais coesa, mais desenvolvida. Fomentando o espírito crítico, de pensamento livre, de cultura, de realização.

O Poder Local Democrático é assim uma das concretizações de Abril.

E foi efetivamente com o Poder Local que se desenvolveu este nosso concelho, em apostas tão fundamentais como o saneamento básico, as redes viárias, a iluminação pública, a escola pública ou acesso a cuidados de saúde primários.

Sem as Juntas de Freguesia, sem as Câmaras Municipais, nada desta evolução seria possível.

Hoje, assumimos todos estes princípios como direitos adquiridos. Mas, se há coisa que a história nos ensinou é que não podemos dar por adquiridos todos estes mesmos direitos.

Nada é adquirido se não lutarmos diariamente por ele.

Efetivamente, temos vindo a ver surgir vozes do antigamente. Vemos diariamente pessoas novas com pensamentos velhos.

Assistimos a uma tentativa de desacreditação dos agentes políticos e ao fazermos isso estamos também a fragilizar a democracia.

Assistimos diariamente à leviandade com que alguns atores políticos têm a facilidade em denegrir, em enxovalhar, em insultar os representantes do povo.

Hoje, é muito fácil criticar! O que é difícil é ouvirmos pelas vozes desses acérrimos críticos o caminho proposto para a alternativa.

Tudo é levado com muita leviandade para o debate político. Na oposição, seja local ou nacional, deve esse ser um exercício de responsabilidade. O exercício deste direito, deve ser um exercício por causas, um exercício por ideias, um exercício que demonstre o caminho que se pretende criar e não um trajeto avulso sem liderança ou afirmação.

Quem exerce o poder tem de ter sempre uma oposição forte e criativa. Quem exerce o poder precisa de uma oposição capaz, instruída, forte e alternativa, pois só assim conseguirá melhorar o seu desempenho, a sua atuação.

Presidir uma autarquia é das funções mais nobres e honrosas que qualquer cidadão pode ter.

Foi isso que o 25 de Abril nos trouxe. A capacidade de escolhermos quem queremos ver a governar o nosso concelho, as ideias que pretende ver concretizadas e, acima de tudo, a política que pretende ver implementada no seu território.

Por isso mesmo, assumimos o exercício desta presidência como uma presidência de proximidade, uma presidência aberta.

Pretendo ser o Presidente de todas e de todos os caminhenses. Estou aqui por uma causa: para somar, para unir o nosso concelho, envolvendo todos os atores políticos, todas as Associações, Clubes e Entidades que diariamente dão o melhor de si, prestando o melhor serviço à nossa comunidade.

Ao longo destes últimos 49 anos de democracia, o nosso país mudou muito, o nosso concelho mudou muito.

Estas mudanças deveram-se a uns quantos que, inconformados, quiserem ser parte activa da solução e se propuseram a dar o melhor de si para o desenvolvimento da nossa terra.

Por isso mesmo, neste dia de Liberdade, não posso deixar de expressar uma justa homenagem aos meus antecessores que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento do nosso território.

Recordo assim, Pita Guerreiro, Valdemar Patrício, Júlia Paula Costa e Miguel Alves, todos eles ex-presidentes desta autarquia e que tinham uma coisa em comum: o Amor incondicional ao concelho de Caminha.

É com este legado histórico que quero prosseguir.

Com o orgulho de ser o primeiro presidente da Câmara Municipal natural do concelho de Caminha, um orgulho que encerra em si mais obrigações e responsabilidades.

Ao falarmos de Abril falamos da liberdade de um povo. Da liberdade no seu sentido mais amplo.

Falamos da liberdade de associação, da liberdade de opinião, da liberdade criativa, da liberdade de imprensa, da liberdade política.

Uma liberdade que em momento algum se pode confundir com libertinagem.

Por isso mesmo, todos nós, enquanto sociedade, enquanto coletivo somos convocados na luta pela defesa da Liberdade.

Não podemos tolerar certos ensaios de banalização de discursos que fomentem o ódio, que incitem a marginalização das minorias, que reprimam os direitos das

mulheres e das crianças. Não podemos tolerar o discurso populista e sagaz em argumentários baseados em pés de barro.

Nós, os democratas, filhos de Abril temos de saber combater as ideias velhas, com cheiro a mofo.

Não podemos ser condescendentes com quem ostraciza seres humanos por uma questão de raça, de identidade de género, credo ou religião.

Não! Nós, filhos de Abril, somos convocados a combater o triste saudosismo bacoco de quem com o passar dos anos tenta branquear a história.

Como dizia José Mário Branco "A cantiga é uma arma"; mas não somente a cantiga, a arte é uma arma, as letras são uma arma, a cultura é uma arma, a música é uma arma, a ciência é uma arma e todas elas são armas que têm de estar ao serviço da liberdade, da democracia e do nosso país.

Em suma, sejamos o Sagueiro Maia dos nossos tempos, sejamos todos e cada um de nós Capitães de Abril, em defesa da democracia e do legado da Revolução dos Cravos.

Por isso mesmo, somos convocados a ter um país a várias cores, com tolerância e respeito; e, por maioria de razão, trabalhem por ter um concelho acolhedor, solidário, humanista nas suas mais múltiplas vertentes.

A consideração pelo próximo, o respeito pelos Cidadãos e pelas Instituições é ingrediente essencial para a paz comunitária.

António Barbosa de Melo dizia que quando alguém referir que "o povo é meu, a história é minha, o Estado sou eu" aí morrerá a democracia e com ela morrerá a paz do povo.

Não deixemos a democracia esmorecer. Não deixemos que cantos de sereia nos façam desvirtuar do caminho que temos de prosseguir.

Por isso mesmo, conto com todos e com cada um de vós, para fazer um concelho mais próspero, mais coeso, mais dinâmico e, acima de tudo, um concelho activo na defesa dos valores de Abril.

VIVA O 25 DE ABRIL

VIVA A LIBERDADE

VIVA O CONCELHO DE CAMINHA

VIVA PORTUGAL